



## HISTÓRIA DA BELEZA NEGRA NO BRASIL: DISCURSO, CORPOS E PRÁTICAS

BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas.** São Carlos: EduFSCAR, 2015.

Beatriz Domingos da Silva<sup>1</sup>

Érika Carolaine Siqueira da Silva<sup>2</sup>

Liliana Piedade de Oliveira<sup>3</sup>

Fruto de um momento histórico em que as discussões e debates sobre os temas étnico-raciais estão cada vez mais em ascensão no meio acadêmico e na mídia, vem a existir, de certa forma, uma inquietação. E é nesse contexto que surge, de várias indagações e questionamentos sobre o tema, a obra publicada pela autora e linguista Amanda Batista Braga: *História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas*, no primeiro semestre do ano de 2015.

Na obra a autora busca analisar e compreender os vários discursos construídos pelo tempo, ao longo da história, sobre a estética do negro no Brasil, com embasamento no discurso das várias representações das “Vênus” que surgiram pela história. Com início no período escravocrata, passando pelo século XX até os dias contemporâneos. Tema voltado a questões étnico-raciais, onde entrará em pauta os discursos de eugenia que eram muito utilizados para dividir e supervalorizar um único grupo social, discursos esses presentes nos conceitos e estereótipos que foram sendo relacionados ao negro ao longo da história.

A pesquisa traz como tema principal a análise das mutações desses discursos sobre a beleza estética do negro durante a história do Brasil, bem como os modos em que se formularam, além de retratar os discursos sobre o corpo do negro. A autora traz, em sua fundamentação teórica, fontes como recortes de jornais, imagens, pinturas, litografias, textos extraídos de revistas, anúncios e peças publicadas, utilizando-se, também, da teoria da Análise

---

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre. Pesquisadora no Observatório de Discriminação Racial do Estado do Acre – ODR/AC. E-mail: [beatrizufac@gmail.com](mailto:beatrizufac@gmail.com).

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em Saúde Coletiva na Universidade Federal do Acre. Pesquisadora no Observatório de Discriminação Racial do Estado do Acre – ODR/AC. E-mail: [erikacarolaine332@gmail.com](mailto:erikacarolaine332@gmail.com).

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia na Universidade Federal do Acre - UFAC. Pesquisadora no Observatório de Discriminação Racial do Estado do Acre – ODR/AC. E-mail: [oliveiraliliana@gmail.com](mailto:oliveiraliliana@gmail.com).



do Discurso de Michael Foucault (2014). Além de contribuir para conhecer e evidenciar o processo que reflete na construção da identidade brasileira.

A obra de Braga (2015) se permite discutir a questão do conceito de beleza negra no Brasil, como forma de aprofundamento sobre o tema, já que outrora, a autora havia publicado uma obra sobre o cabelo do negro. A pesquisa objetiva evidenciar a história da formação das nossas identidades como cidadãos, que se construiu e se constrói ao passar do tempo a partir dos discursos, que foram transpassados pelas imagens, textos, revistas e outros. Formando com esses, discursos e conceitos estereotipados que refletem nos dias atuais. Evidenciando o processo de construção da identidade do negro no Brasil, as suas transformações e ressignificações adquiridas ao longo da história.

Para se desenvolver a pesquisa a autora resolveu fazer a análise dos discursos, expostos nos vestígios e fontes dividindo-as em três momentos históricos: uma forma de decifrar a história dessa beleza do corpo negro, o que era essa beleza negra e como seu conceito vem se modificando ao longo da história do Brasil.

As histórias não são contadas só por palavras, estão contidas também nos discursos presentes nos corpos, imagens e práticas dessas épocas. A autora utiliza-se da teoria da Análise do Discurso de Foucault, mostrando que os discursos de uma dada época e de uma determinada cultura regem a história de seu próprio tempo, o primeiro passo foi analisar “*Retratos de uma beleza castigada (século XVIII – 1888*, na sequência da obra outro momento analisado foi o período de “*Retratos de uma beleza moral (1888-1995)*”, por fim o último capítulo da obra, “*Retratos de uma beleza multiplicada (1996–atual)*”.

Para se fazer as análises desses discursos sobre o corpo do negro no Brasil e ao longo de sua história, foram necessários o uso dos materiais já comentados, como as imagens, litografias, aquarelas, pinturas, textos e anúncios publicados em revistas e jornais, onde se foram levantados alguns questionamentos, levando em conta o momento histórico que cada um desses materiais estava sendo publicados e que discursos se produziam através destes documentos e vestígios dessas épocas.

O embasamento teórico que a autora utilizou como base para a pesquisa, foram, a análise do discurso derivada de Michel Pêcheux (2009), com a utilização da obra do autor Michel Foucault que aborda tema voltado para a análise dos discursos, Paul Veyne (1998) que fala sobre o pensar, sobre o tempo e suas construções, Jean-Jacques Courtine (2005) que aborda não só, que é necessário a análise dos discursos, mas que se faz necessário uma análise



que articule os discursos, análises e as práticas. Ao falar sobre o tópico “o que é que a africana tem?”, no primeiro capítulo da obra, a autora cita Gilberto Freyre (1969) que traz consigo pensamentos sobre as marcas, deformações, sinais e cicatrizes, que os negros traziam, à sua procedência em seus corpos, que o mesmo, as chamou de “*deformações profissionais*”, para tentar compreender os significados destas, e as suas representações, enquanto período escravocrata, partindo do olhar do negro sobre o negro e do branco sobre o negro.

Muitas vezes um olhar estereotipado partindo do branco sobre o negro, mas quando se trata do olhar do negro sobre o negro, se percebe as inúmeras representações que os corpos, marcas e sinais assim também como os turbantes (um tipo de adereço), trazem em respeito às suas nações e status social ao qual elas pertenciam, antes de serem arrancados de suas terras.

A obra produzida pela autora busca levantar discussão sobre a construção das interpretações do corpo negro em diferentes épocas da história, da discussão da beleza negra e como ela foi interpretada nos diferentes momentos históricos. Visando entender o presente momento em que se vive a sociedade e todos os seus julgamentos e preconceitos sobre o negro, principalmente falando em seu aspecto estético.

Enquanto escritora e pesquisadora sobre a temática, a autora tenta reproduzir aos leitores a partir de seu posicionamento com relação ao tema, um olhar retroativo a todo o material que foi analisado na construção de sua obra, pois foi perceptível que ainda nos dias contemporâneos haja espanto quando uma pessoa negra, ganha o prêmio de Miss universo ou Miss Brasil, prêmios relacionado a beleza. Então por que uma pessoa negra não poderia ganhar? Por que todo esse espanto quando ela ganha? Além do espanto, surgem também sentimento de orgulho de algumas pessoas.

A partir do livro, faz-se refletir sobre o momento atual e suas ainda presentes discussões sobre o imaginário da democracia racial no Brasil, são questões curiosas e inquietantes que vão sendo levantadas como reflexo do que ainda se faz presente nas notícias em revistas, jornais e na mídia sobre casos de racismo, palavras chulas direcionadas ao negro em qualquer espaço social. Cabe então, se fazer necessário compreender de onde veio, quando e como surgiram esses conceitos e estereótipos ligados a imagem do negro.

Organizada em três capítulos que dialogam sobre as representações do corpo negro atribuídos pelo tempo na história do Brasil, partindo do período escravocrata com o capítulo voltado a “*Retratos de uma beleza castigada (século XVIII – 1888)*”. No primeiro capítulo da obra, a autora inicia uma discussão sobre o longo período de escravidão que permaneceu



no Brasil, que acabou dando início as representações das marcas na construção da sociedade, pois para compreendê-la atualmente nada melhor que estudar a sua formação e não só ao que se tem em livros e textos, mas também o que dizem as imagens produzidas nesse período, apesar de ser uma discussão dividida em três pequenas partes, que falam sobre a representação da Vênus Clássica e da Vênus Negra, onde ao longo do tempo, em diferentes culturas, se apresenta de diversas formas, com significados e representações diferentes.

Na pré-história, a Vênus com formato estético com tamanho e formas excessivas, ventre e bacias enormes, braços e pernas terminados em ponta, como símbolo feminino, era vista como deusa-mãe, representando a Fecundidade, e como exemplo temos a “Vênus de Willendorf” com cerca de 24.000 ou 22.000 a.C. Na antiguidade clássica a mulher ganhou uma nova forma de representação, apresentada com seios fartos, cinturas finas, poder e temível aos homens, pois ela poderia destruí-los com sua beleza sedutora, que ainda sim não era superior a beleza do corpo masculino. É possível perceber a crescente prática do homossexualismo neste período pois o ápice da beleza era o corpo masculino, temos exemplo a “Vênus de Milo” que recebe uma característica mais masculinizada.

Já durante a Idade Média a imagem do feminino apresentava grande perigo. O corpo do demônio, uma porta para o diabo em comunhão com a mentira, assim como Eva fez com que Adão pecasse. Foi só na Idade Moderna no século XV, que a mulher passou a significar um belo sexo, obra prima de Deus, um anjo, em contraposição ao que se tinha na Idade Moderna, indo de um oposto a outro “O Nascimento da Vênus” de Botticelli retrata muito isso de corpo angelical, cheio de graça.

Já no século XVI essa representação angelical passou a ser reproduzida com mais sensualidade, ganhando características de luxo e prazer. E então, vê-se que, na Era Clássica fica marcado essa distinção da beleza representada de três formas: a beleza com valor moral, estético e sexual.

E é no ano de 1789 que surge Saartijie (“pequena Sara”), mais conhecida como “Vênus Hotentote” ou “Vênus Negra”, pois herdou as características físicas de qual ficou conhecida as mulheres de seu povo, considerado o mais antigo povo da parte meridional da África, por causa de suas características físicas, totalmente fora do conceito de beleza do europeu, Saartijie foi presa e exposta acorrentada em circos, feiras e teatros, e mesmo após falecer, algumas partes do seu corpo como a genitália e o cérebro foram conservados em formol para continuarem a serem expostos por causa do tamanho de seus atributos físicos, a



fim de continuar a construir um discurso sobre a inferioridade do negro em relação ao branco, julgando e o colocando em status de animal.

Ao longo da história escravocrata do Brasil, eram vários os casos de anúncios em jornais que assemelhavam várias características das escravas negras a associações, a esteatopigia e outros traços físicos, dando a entender uma imagem de um corpo zooide, ou relacionadas ao corpo de um macaco. Além de ter sua imagem ligada ao desejo sexual, pensamento esse surgido em relação ao corpo de Saartijie, com genitália de tamanho exuberante por conta de seu descontrolado desejo sexual.

A presença do negro no Brasil vai muito além dos atributos físicos, a mulher negra vai muito além da imagem da escrava, ela era ama de leite, mucama e “esposa”, por conta de estar presente no princípio do amor físico dos seus senhores, por ser passada na história, o imaginário de escrava fácil, rendidas ao seu senhor. Algo muito presente no período escravocrata eram essas relações entre a negra da senzala e o *sinhô-moço*. A negra que além de escrava passou a ser tida como apetrecho sexual, com o dever de satisfazer seus senhores e muitas das vezes causando com essas relações uma fúria das senhoras esposas, apesar de não terem culpa.

Mas além das relações entre senhores e escravas, outro aspecto notado nas análises eram as relações de padres e mulatas, que apesar de muitas vezes constatado que haviam relações sexuais, para a sociedade não era motivo de pudor. Daí se percebem na história os anúncios em jornais, buscando belos corpos, ou oferecendo a venda ou anúncios de venda por conta de motivos opostos, por serem desagradáveis. Momento histórico que se tinha muita preferência pelos escravos dito mais civilizados e embranquecidos, um tipo de aquisição eugênica para fins sexuais. Além dos aspectos ligados a sexualização do corpo negro, há também em diálogo sobre as “marcas” nos corpos negros, muitas delas, trazidas de suas nações com seus significados específicos outras deformações causadas. As marcas de nação são, tatuagens e marcas tribais narrados nos anúncios e retratos da época pela viagem e habilitação no Brasil. Cheios de significados, marcas que eram como status social, marcas de amor ou carimbo de propriedade.

Assim como as marcas nos corpos, dentes limados, ou a falta deles e também turbantes que expressam significados em suas nações, sinais de caráter social. É interessante ressaltar que o uso de turbante no Brasil foi transformado e teve uma ressignificação. Por fim é possível analisar a ascensão do menos negro, quando ocorre a miscigenação da raça, pois o



sangue das casas grandes estava presente nos filhos dos escravos, perceptível em relatos, anúncio de escravos fugidos, de características de pele e cabelos claros, além dos olhos azuis.

No capítulo II, do livro intitulada **Retratos de uma beleza moral (1888-1995)**, a autora Amanda Braga dedica-se ao século XX, em que as associações afro-brasileiras além dos diversos jornais criados na pós-abolição reivindicavam uma chamada segunda abolição em que havia uma preocupação política e educativa além da estética, essa última sempre associada a moral da época. Agora a preocupação era afastar os estereótipos associados ao negro escravizado nos séculos anteriores e para isso eram promovidos os concursos de beleza pela população negra que auxiliavam na construção de um conceito de beleza negra mesmo que ainda fosse sob os ditames da moral vigente.

Aqui a autora analisa os jornais publicados à época para discutir o tipo de linguagem que os concursos usavam tomando-os não apenas como acontecimentos, mas como discursos, com a intenção de analisar como foram produzidos em período passado, seriam agora, conservados ou reprimidos.

Durante as primeiras décadas a imprensa negra, ainda que houvesse limitações, executava uma atividade social além da atuação política que procurava inserir o negro nos diversos campos como no educacional, no mercado de trabalho e a na atividade política além de denunciar o preconceito e incentivar a luta contra ele, desenvolviam ainda um papel educativo, este último buscava orientar o negro acerca de sua inferioridade e na criação de bibliotecas para negros.

Segundo a autora, nesse primeiro momento, a imprensa ainda se colocava numa espécie de vigilância social onde denunciavam comportamentos considerados impróprios com a tentativa de superar a visão preconceituosa sobre esses comportamentos dos negros para promover a integração social deles.

A Frente Negra Brasileira (FNB) fundada em 1931 tinha a mesma proposta e meio de atuação da imprensa e das recriações anteriores, porém neste momento a pretensão era de reunir todas as associações afro-brasileiras em um único movimento, e com esse propósito a FNB se espalhou rapidamente pelos diversos estados. E é aqui que a mulher negra ganha uma maior visibilidade, principalmente no que concerne o mercado de trabalho quando são estabelecidos diversos departamentos específicos às mulheres. Um desses departamentos, também seria responsável pela organização das festas de Natal das crianças além de concurso



de beleza voltados às mulheres fretenegrinas, noticiados ainda pelo jornal *A voz da Raça*, que era porta voz da organização, se poderia ver aqui um modo de valorização da estética. A ação educativa da FNB designava-se também a conscientização da população negra aos padrões de boa aparência que vigoravam, e dessa forma, propunha-se um duelo entre mulheres brancas e negras em que a melhor seria aquela que incorpora as propostas pela organização já que esta estaria comprometida com os valores morais da época.

Já o Teatro experimental do Negro (TEN) fundado por Abdias do Nascimento em 1944 diferentemente das outras organizações que estavam mais preocupados com as questões de classe, tinha como foco o resgate de uma cultura negra de raiz africana com a atuação política, se tornando assim nas décadas de 1940 e 1950 mais racial, procurando oferecer visibilidade aos atores e atrizes negros no campo teatral além dos cursos de alfabetização para que os integrantes pudessem ensaiar as peças e dominar a leitura.

O TEN ainda causaria incômodo no meio artístico e social, pois buscava o reconhecimento de uma identidade racial quando a elite branca rejeitava os bens culturais afro-brasileiros, fazendo uso além da educação, da política e das artes a promoção de concursos de beleza para o resgate da autoestima e valorização das mulheres negras além da criação de eu próprio padrão de beleza.

No que diz respeito ao Renascença Clube fundado em 1950 tinha como propósito construir um clube igual aos outros clubes sociais brancos que pudesse atender a elite negra da época que não tinha acesso às atividades que fizessem jus a sua posição econômica e intelectual. Um espaço social, que se não fosse pela condição financeira de seus sócios, poderia ser considerada mais uma associação negra criada ao longo do século XX. O Renascença Clube agora rompe com o distanciamento entre os concursos e beleza promovidos pelas associações e os concursos de Miss Brasil, no qual a mulher negra buscava a afirmação de sua beleza.

Sem nenhum empenho voltado ao âmbito político o Renascença se tratava de um enfrentamento aos estereótipos que ainda estavam associados aos negros, e para Clube o comportamento e a aparência ganhavam o destaque. Durante as atividades promovidas, como os bailes e festas, as jovens consideradas bonitas eram convidadas para participar de concursos de beleza que eram organizados pelo clube. Esses concursos internos em que era necessário ter algum laço de parentesco com algum sócio, tinham o intuito de incluir a mulher



negra em um padrão de beleza e oferecer um lugar valorizado socialmente, que era o da parceria conjugal.

A autora conclui o capítulo mencionando o conceito de beleza criado pelos diversos concursos associando o corpo às virtudes morais, onde as rainhas eram vistas como um corpo de espírito culto que almejava chegar ao papel de esposa, mãe e dona de casa, enquanto o corpo da miss se apresentava cada vez mais relacionado apenas com a estética, onde a beleza corpórea se sobrepõe aos valores morais. E dessa forma, o Renascença que antes valorizava a beleza sempre relacionada a moral e aos bons costumes, em outro momento abre os concursos para as candidatas externas, do mesmo modo que envia essas representantes para competições estaduais e nacionais onde a preocupação agora é que as jovens pudessem competir de igual para igual com a sociedade fora do clube.

Em 1968 eclodiu nos Estados Unidos o Movimento pelos Direitos Civis, visando a ampliação da igualdade de direitos e oportunidades. Já no Brasil, essa ação afirmativa criada nos Estados Unidos, a partir do governo de Fernando Henrique Cardoso, na década de 1970 foi que teve um primeiro movimento rumo à aplicação de políticas. Tratava-se de uma mobilização de técnicos do Ministério do Trabalho e do Tribunal Superior do Trabalho para a implementação de uma lei com o objetivo a obrigatoriedade, por parte das empresas privadas, de contratar uma porcentagem mínima de empregados de cor. Já em meados 1984, movimentos populares entram em cena, com isso o movimento negro vinha denunciar a persistência das práticas discriminatórias racistas que ocorriam.

Em decorrência disso, foi promulgada a Nova Constituição (1988), contendo a Lei que criminaliza o racismo: no Título II (Dos direitos e garantias fundamentais), Capítulo I (Dos direitos e deveres individuais e coletivos), Artigo 5º. Regulamentação do parágrafo vem com a Lei 7.716 de 1989, que seria modificada pela Lei 8.882, de 1994, e, logo em seguida, pela Lei 9.459, de 1997: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceitos de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.

Desde os anos 1980 quando a Nova Constituição sofreu a promulgação e a Lei 9.459, derivada da alteração de outras leis, criminalização racial entrou em vigor, ficou evidente que a democracia racial no Brasil era um mito, visto que ocorriam uma grande quantidade de denúncias, que na época provocou grande repercussão na mídia.

No ano de 2006, foi lançada uma publicidade “Gostosa é apelido. O nome é mulata. Cerveja Mulata: a mistura perfeita”.



A propaganda traz muitos pontos críticos a serem avaliados. A garota propaganda é uma mulata (filho de pai branco e mãe negra, ou vice e versa; pardo), representante da miscigenação racial, ou seja, uma mistura, assim como a Cerveja Mulata se intitula no rótulo falando “a mistura perfeita”. A garota propaganda também é bem ressaltada pelo seu corpo dotado de absoluto teor sexual. Ela ri e remexe seu corpo embalado por um vestido bem provocante enquanto prepara uma comida escura dentro de uma grande panela. Entretanto, traz o pensamento “ por que ela está cozinhando e não fazendo outra atividade? ”

A relação da mulher e da comida parte da subversão do verbo “comer”. Além da associação feita entre a mulher e seu papel doméstico, existe uma associação entre sexo e refeição. Porque como foi dito na publicidade, “gostosa é apelido”, o adjetivo “gostosa” não é apenas no sentido do paladar, mas também no tato: refere-se ao sabor da comida, bem como o sabor do sexo. Assim constata-se que, a garota propaganda é uma mulata sensual e gostosa, dotada de um corpo sedutor ao olhos e paladar do consumidor.

Em 2017, um outdoor produzido pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Pérola Negra para o carnaval: “ Um desfile tão bonito quanto o de moda. A diferença é que nossas modelos têm bunda”. Desfile na Pérola Negra. Garanta sua fantasia “. O anúncio traz uma crítica aos concursos de moda e suas modelos anoréxicas, sem curvas e sem volumes. Ao mesmo tempo exaltam as nádegas, mas principalmente seu volume, sua fartura, o corpo sensual, desejado, oferecido aos holofotes do carnaval, tendo como protagonista mulheres negras.

No de 2005, a revista Raça Brasil, em julho daquele ano trouxe uma reportagem intitulada “Irmãos, sim! ”. Entre as histórias, estava a de um jovem que acreditava ter sido adotado e sofreu preconceito por parte da família (já que sua mãe e sua irmã eram brancas) o que acabou por desejar ter características das duas. Sua irmã relata que uma vez ele passou talco no rosto para dormir e chorava dizendo que era branco. Outra vez ele colocou um pregador no nariz tentando afiná-lo e também dormia com meia no cabelo para alisá-lo. O agregador no nariz parece uma alternativa aqueles que querem diminuir os traços de negritude numa tentativa de aproximação do modelo europeu e a negação do modelo negro.

No próximo ano a mesma revista publica uma matéria intitulada “ Num passe de mágica: Que tal dar uma afinada no nariz? Ou disfarçado aquela manchinha no queixo e, de quebra ainda diminuir as bochechas “conheça os truques dos maquiadores para garantir traços



mais equilibrados e sem bisturi”, onde novamente traz a ideia de negação do modelo negro e ainda apresenta uma forma para “disfarçar” o que é visto como “imperfeição”.

Voltando no ano de 1929, temos o icônico anúncio publicitário do “Cabelisador”. Qual a pessoa que não quer ser elegante e moderna? Pois o nosso “CABELISADOR alisa o cabelo o mais crespo sem dor”. No anúncio do Cabelisador, as pastas mágicas eram mágicas por ser capaz de resolver uma causa até agora vista como impossível é que era sonho de milhares de pessoas, trazendo o pensamento de que o cabelo crespo é um “problema” e que o cabelo liso é um cabelo bom/bonito, desejado por pessoas nascidas com cabelo crespo, que era visto como cabelo ruim.

Já Cerveja Devassa no ano de 2010, fez um anúncio publicitário “É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra. Devassa negra. Encorpada estilo “dark” além de alta fermentação, cremosa e com aroma de malte torrado”. Novamente, como a Mulata, a Devassa faz ambiguidade relacionando a imagem da mulher à imagem da cerveja, ligando o corpo negro a luxúria e ao desejo.

Ao mesmo tempo que a beleza negra é sexualizada e desejada, certas características ainda não são aceitas e são vistas como “imperfeições”. O modelo europeu ainda está muito enraizado, no que diz respeito ao o que é belo. Entretanto, cada vez mais o movimento de Empoderamento negro vem crescendo. Além das lutas por políticas públicas, a percepção de que sua pele e seu cabelo são lindos acima de um padrão imposto.

Durante toda a leitura foi possível perceber que a obra apresentou-se com uma linguagem simples, capaz de ser compreendida tanto por docentes já formados, independentemente de suas áreas de atuação, pois contextualiza os discursos históricos e analisa os documentos dialogando com as fontes e suas representações, é compreensível também aos discentes ainda em formação ou qualquer outro tipo de leitor, pois apresenta de forma clara e precisa fatos e documentos ao qual a autora relaciona na obra.

A autora conclui que nos séculos XVIII e XIX, foi construída uma beleza castigada ligada ao corpo entre o olhar do negro sobre o negro e o branco sobre o negro: as marcas tribais, penteados africanos, o achatamento do nariz e a imagem dos dentes eram elementos vistos como belo aos olhos dos negros. Por outro lado, o branco observador, tem o pensamento de que apenas o seu modelo deveria ser posto quanto conceito de beleza.

É possível perceber na obra uma ordem cronológica ao retratar a história da beleza negra no Brasil, que acaba facilitando na compreensão do tema, a autora foi bem precisa em



suas análises dos textos, imagens, pinturas e litografias, passando ao leitor de forma coerente os discursos formados por tais documentos, sendo bem direta em seus argumentos sobre os conceitos que se tinham e se construíam sobre a imagem do negro no Brasil durante todos os períodos históricos analisados.

Com uma linguagem que é acessível e compreensível a todos, pois a mesma não se utiliza de palavras que dificultam o entendimento, nem causa estranhamento ao leitor que não está habituado ao tema, a autora conseguiu se aprofundar no assunto pois sua forma de dialogar com o conteúdo e documentos analisados apresentam uma relevante fundamentação teórica ligada ao tema da beleza, do corpo negro e suas representações no decorrer do tempo na sociedade.

A obra contribui para um todo, mas em especial para a sociedade afro-brasileira por tratar de questões que estão relacionadas na formação de sua própria identidade, além de apresentar ao leitor uma análise discursiva das representações do corpo negro no Brasil e sua estética bem como os estereótipos que estão associados a expressões racistas, alguns ainda presentes nos dias atuais, contribuindo também para a compreensão da representação que esses discursos analisados na obra refletem na sociedade contemporânea.

As ideias que a autora retrata em sua obra se mostram inovadoras por tratarem da história do corpo e da beleza negra, um tema ainda pouco pesquisado em nossa conjuntura atual. Uma grande demonstração de criatividade, pois é um tema que chama muito a atenção do leitor, ao falar da história da beleza do corpo negro no Brasil dialogada nos três capítulos da obra. Ainda, para o entendimento da obra não se exige nenhum tipo de conhecimento prévio sobre a temática, em vista que a autora faz uma descrição histórica de forma linear sobre o assunto.

Uma obra que pode ser destinada ao leitor de qualquer área de atuação ou estudo, pois apresenta em seu conteúdo um tema que faz parte da história da construção da identidade afro-brasileira, podendo nesse sentido o perfil do leitor ser indefinido. Uma produção voltada também para estudiosos atuantes dessa temática, porque aborda uma questão ainda pouco discutida atualmente, mas de grande importância para a compreensão das interpretações do corpo negro.